

## Prefácio

NÃO É O AMOR INDEFINÍVEL, uma questão de sentimento, não de pensamento? Pior: aprofundar essa emoção extremamente espontânea e misteriosa não é correr o risco de expulsar sua magia? E assim acabar matando aquilo mesmo que estamos tentando compreender?

Deparei repetidas vezes com estas questões, junto com ceticismo, até hostilidade, em relação à própria ideia de uma *filosofia* do amor. Segundo essa maneira de ver, tal filosofia é ou inútil (o amor não pode ser definido) ou causa o próprio fracasso (definir o amor é degradá-lo). O motivo para semelhante projeto é não apenas ingênuo, mas suspeito: filosofa-se sobre o amor porque não se é capaz de experimentá-lo; mas se não se é capaz de experimentá-lo, como então se pode filosofar sobre ele?

É interessante observar que esses críticos raramente veem outras emoções da mesma maneira. Quase ninguém acredita que filosofar sobre compaixão, ou generosidade, ou lascívia, ou melancolia, ou respeito, ou o anseio pela imortalidade destruirá a capacidade de experimentar esses sentimentos; ou que a motivação para fazê-lo revela a incapacidade para isso – de tal modo que um interesse, digamos, pelo ódio refletiria nossa incapacidade de odiar o bastante, ou o fato de termos sido pouco odiados, ou nosso fracasso em sustentar uma relação de ódio. De fato, poderiam até suspeitar do contrário.

Em contraposição, atitudes que dizem respeito a uma *psicologia* do amor parecem muito mais positivas. E em especial no tocante a uma psicologia evolucionária. Na verdade, não é incomum descobrir que aqueles que desdenham tentativas de filosofar sobre o amor se sentem intrigados por, digamos, explicações de por que e como amamos em termos de estratégias de acasalamento e aptidão evolucionária, ou de estados cerebrais e neurotransmissores, ou “histórias” sobre os vários tipos de relação amorosa que podem existir, ou padrões de afeto na infância, ou os funcionamentos do desejo: de intimidade, de sexo, de filhos. Livros acadêmicos, *talk*

*shows*, músicas pop, sites de encontros amorosos na internet, manuais de autoajuda, todos fervilham de curiosidade sobre as condições para o amor bem-sucedido, o parceiro certo, os desafios da fidelidade e o ciúme, ou as virtudes da intimidade, como a empatia, o respeito e a tolerância. Embora se possa pensar que essas teorias reducionistas têm probabilidade de ser pelo menos tão bem-sucedidas quanto a filosofia em expulsar a magia do amor, parece bastante aceitável descrever as emoções das pessoas quando elas estão amando ou acabam de ser rejeitadas; mapear os sentimentos e histórias que podem obstruir a intimidade e como seria possível superá-los; explicar por que você, como o tipo de personalidade que é, se apaixona por uma pessoa e não por outra; explorar diferenças de gênero no cérebro e no comportamento de corte ou acasalamento; e assim por diante.

Por que a incoerência? Por que a conversa sobre o amor está em toda parte, e no entanto, em certo sentido, é também uma zona proibida?

ANTES DE ARRISCAR UMA RESPOSTA, vale a pena lembrar que não foi sempre assim. Se tivéssemos perguntado a alguns dos mais notáveis fundadores do amor ocidental como Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino, ou a filósofos como Spinoza no século XVII e Schopenhauer no XIX, se o amor podia ser definido, ou se a reflexão irrestrita sobre sua natureza poderia permitir a alguém amar melhor, eles teriam se espantado com a pergunta. Não só todos podiam oferecer definições detalhadas do amor, como ele era central para sua filosofia, e, portanto, para campos hoje considerados distintos, na maioria dos aspectos, como ética, metafísica e estética. Para esses pensadores, ter ideias claras sobre o que é o amor, o que o inspira, o que buscamos nele, quais são as qualidades mais dignas dele e quais as menos dignas, que preço vale a pena pagar por ele e que preço não vale a pena, que virtudes devem ser cultivadas se quisermos persegui-lo com sucesso, onde podemos cair em erro conceitual e como podemos nos educar para reconhecer e evitar tal erro – tudo isto, sustentam eles, não impede o amor, mas lhe permite florescer. E em particular, permite-nos amar os objetos certos com o tipo certo de atenção.

Então o que está acontecendo hoje? A resposta talvez seja esta: estamos decididos tanto a fazer as expectativas tradicionais em relação ao amor se realizarem *quanto* a evitar questioná-las. É ótimo, na verdade é essencial, perguntar como é possível fazer o amor funcionar, por que ele não o faz, a que finalidades sociais ou evolucionárias poderia servir, que tipos de relações o expressam. Mas a natureza do amor – o que é ele exatamente; o que exigimos dele – é território sagrado. Ele é na realidade incondicional? É na realidade espontâneo, e em última análise insondável em seus motivos? Os pais amam de fato os filhos no mesmo grau, ainda que de maneiras diferentes? É o amor na realidade nossa emoção mais pessoal e íntima? Ele é sempre altruísta? Consiste, em sua essência, na valorização da outra pessoa como um todo – e está claro que “todo” é esse que valorizamos? A possessividade é de fato o inimigo do amor bem-sucedido e o oposto da rendição à realidade do ser amado? Amamos o outro por ele mesmo?

Supõe-se, em geral, que a resposta para perguntas desse gênero seja sim. O que por sua vez determina as expectativas de milhões de amantes: quando eles experimentam prazer, frustração, sucesso ou fracasso em suas relações, quando se sentem censuráveis ou realizados nelas. Ainda somos dominados por uma imagem de fundo do amor que pertence a certo tipo de Romantismo e que não mudou em seus aspectos básicos desde o final do século XIX. (No capítulo 1 resumirei o que me parecem ser os elementos essenciais dessa imagem.) Na verdade, quando se trata de amor, o “longo século XIX” estende-se não só pelo século XX adentro, até 1914 ou 1917, mas avança sem dúvida pelo século XXI.

SE ISTO ESTIVER CORRETO, estamos lidando com um paradoxo fascinante: a extraordinária liberação do sexo e do casamento durante os últimos cem anos foi acompanhada pela ossificação do amor, não por sua reinvenção. O “amor livre” não libertou o amor, no sentido de nos dar novas concepções dele. Ao contrário, as novas liberdades – decorrentes, acima de tudo, do divórcio, da contracepção e do amor gay: três das revoluções de mais longo alcance e ainda inacabadas que o século XX gerou – ofereceram

um número cada vez maior de oportunidades para se perseguir o mesmo velho ideal. Auxiliadas pelo aborto e pelo feminismo, elas significaram que mulheres e homens não estão mais comprometidos uns com os outros pela gravidez ou pelas relações sociais tradicionais, mas livres para seguir sempre adiante na busca da pessoa “certa” e do amor “certo”. E que os gays podem, cada vez mais, fazer o mesmo.

A busca também foi alimentada pela extensão do consumismo ao amor: a exigência de satisfação rápida nesta, como em outras áreas de desejo, e a disposição para trocar repetidamente de parceiro se ela não for alcançada. De fato, para continuar “trocando” ao longo de uma vida inteira. Ela foi auxiliada, também, por um *pool* de possíveis parceiros em constante expansão, graças a uma ampla mobilidade e ao alcance global dos sites de encontro da internet. E a maior riqueza, as vidas mais longas e a saúde melhor, tudo isso contribuiu para tornar a procura cada vez mais viável, ao libertar as pessoas dos grilhões da pobreza, da guerra e dos casamentos mortos, dando-lhes assim aquela condição indispensável para grandes realizações culturais: lazer. Apesar de seu ritmo agitado e de seu espírito orientado por processos, a vida contemporânea, mais que nunca, proporciona a um número de pessoas maior o tempo e a atenção necessária para a procura do amor.

Uma pessoa saída do século XIX não seria capaz de reconhecer nossas atitudes habituais em relação a moralidade, liberdade, posição da mulher, arte, raça, criação de filhos, homossexualidade, Igreja ou viagem. Ficaria assombrada ao testemunhar relações sociais comuns – como os sexos interagem, como crianças se comportam com relação aos pais, como negros falam com brancos, como gays se tocam –, mas se identificaria rapidamente com o que pensamos ser, ou dever ser, o amor. Único entre as grandes ideias que regem nossas vidas, ele parece estar congelado no tempo.

Por quê?

AS SEMELHANÇAS ENTRE A EXPERIÊNCIA de crença religiosa e o enamoramento foram frequentemente notadas. Mas nas atitudes contemporâneas em relação ao amor estamos falando sobre uma outra coisa: o próprio

amor como uma religião. Uma religião ainda mais notável por ser autoimposta por seus devotos em vez de supervisionada por uma Igreja.

Uma religião deve, entre outras coisas, postular um estado de coisas que é venerado como supremamente valioso, de fato como “sagrado”, porque através dele a salvação de tudo que mais tememos pode em princípio ser alcançada. E porque ele nos permite compreender as questões mais difíceis sobre a natureza e o objetivo da vida. Em consequência, sentimos veneração por seu poder e grandeza, que experimentamos como muito além do cotidiano. Para muitos dos devotos de uma religião, portanto, o questionamento das crenças e práticas pelas quais ela é sustentada e observada parecerá absurdo, se não perverso.

De fato, qualquer pessoa que realmente questione prova, por essa intenção mesmo, ser alheia ao que está questionando. Sua tentativa invalida a si mesma. Seus argumentos são irrelevantes, ainda que pareçam plausíveis. Nenhuma religião poderia considerar alguém que não compartilhe suas crenças fundamentais como qualificado para criticá-la.

Estou exagerando, mas só ligeiramente. Pois essas atitudes sugerem que devemos começar nossa investigação da natureza do amor com um fenômeno notável: o fato de que para muitos no mundo ocidental ele se tornou uma religião exatamente nesses sentidos, até mesmo (em especial?) entre aqueles que se consideram descrentes militantes.

Outros podem não ter experimentado essas reações fortes. Mas elas me pareceram um sintoma tão surpreendente e tão poderoso de atitudes contemporâneas em relação ao amor que, em certo sentido, tornaram-se parte do assunto deste livro. Na realidade, motivaram parcialmente suas questões mestras: Como o amor humano veio a ser modelado segundo o amor divino? Que ilusões sobre ele essa arrogância fomentou? E como podemos repensá-lo de uma maneira que não cometa esse erro e sacrilégio, contra o amor? Precisamente por não haver nenhuma necessidade humana maior que o amor, que é, como disse são Paulo, das grandes coisas “a maior”, devemos assegurar que ele não termine se fazendo de Deus.